

A parábola do jovem delinquente

“As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras”. (Friedrich Nietzsche)

Lemos o artigo que leva o título de “*Kardecismo: A parábola do jovem delinquente*”, assinado por Pr. Joel Santana, e publicado no site CACP, correspondente ao link (<http://www.cacp.org.br/kardecismo-a-parabola-do-jovem-delinquente/>). Diante de nosso direito inafiançável de resposta, analisaremos o que é exposto e daremos a nossa contra argumentação. Lembramos aos leitores que respondemos a esta obra do pastor “*O Espiritismo Kardecista e suas Incoerências*” e que se encontrará em nossa conclusão o link para baixar toda ela e conhecerem nossa refutação.

CAPÍTULO XIV – A PARÁBOLA DO JOVEM DELINQUENTE

Neste capítulo, o pastor nos apresenta uma parábola criada por ele mesmo, com o objetivo de validar e explicar de forma ilustrativa o conceito do sacrifício vicário. Dessa forma, ele desenvolve o seu enredo como justificativa de aplicação de uma lei divina, em termos práticos, numa história contada por ele mesmo, aplicando uma solução para a correção e punição de delitos de um infrator, do pagamento realizado por outrem, como solução e interrupção do processo de infração à lei. Vamos acompanhar ele do início ao fim e depois comentá-la! Vejamos:

Era uma vez um jovem com apenas 18 anos de idade, chamado Delin, cujo pai (Rei Paião, prezado e respeitado por todos os seus súditos) era um dos mais ricos de seu país. E, embora o Código Penal desta nação prescrevesse a pena de morte aos criminosos de alta periculosidade, o dito jovem, cobiçando riquezas maiores, empreendeu o primeiro de uma série de assaltos à mão armada.

Ele não queria praticar latrocínio e, por isso, empunhava sua pistola só para intimidar os proprietários dos bens que ele pretendia tomar para si. Sua primeira vítima, porém o senhor Robato, muito mais alto e robusto do que ele, reagindo ao assalto, tentou dominá-lo. O referido jovem, tomado pelo susto, disparou sua arma, matando o senhor Robato. Então o remorso invadiu o seu coração. Sua consciência o acusava ininterruptamente. Ele se sentia a escória da sociedade, bem como merecedor de uma severa punição. Como ele gostaria que tudo aquilo não fosse real, e sim, apenas um pesadelo!

Mas, infelizmente, ele não estava sonhando! Ele deveras estava acordado e havia sim se tornado um latrocida! E, por isso mesmo, se

julgava merecedor de uma severa punição! Seu ardente anseio pela longevidade, era mesclado com um forte desejo de ser enforcado, a bem da disciplina! E consigo mesmo tinha a certeza de que este prevaleceria sobre aquele, pois o seu crime era suficientemente hediondo para torná-lo digno da lei de talião, prevista na Carta Magna de sua nação, e pormenorizada no Código Penal da mesma. Mas integrava à Constituição de sua Pátria, que o Rei podia intervir em defesa de quem fosse sentenciado à morte, salvando-o da execução, desde que substituísse o réu, cumprindo por ele a pena. Era ainda constitucional que, uma vez que o Rei manifestasse o seu desejo de se deixar imolar pelo condenado, ninguém podia questioná-lo, nem tampouco empreender malograr seu intento. E foi desta cláusula que o Rei Paião se valeu para dar ao seu filho Delin a chance de se regenerar, tornar-se um cidadão de bem, casar, perpetuá-lo através dos possíveis netos, usufruir das delícias da vida, e, finalmente, morrer bem idoso, farto de dias! Então Delin foi convocado a comparecer diante de Sua Majestade, o Rei Paião. Delin, enquanto era levado maniatado à presença do Rei, pensava: “Como irei encarar o meu Pai?! Certamente ele, dizendo que eu (seu imprestável filho) sou sua vergonha e tristeza, derramará inconsoláveis lágrimas!” E, mais rápido do que Delin desejava, viu-se diante do Rei Paião, o qual lhe falou: “Sabes que teu pai sempre primou pela justiça.

Logo, não posso e nem quero perdoar o teu crime. Seria ilegal fazê-lo. Portanto, anular tua sentença, nem pensar. Contudo, quero, posso e vou livrar-te da morte, morrendo em teu lugar. Mas, para eu morrer em teu lugar, terás que fazer três coisas: 1ª) jurar-me que estás arrependido; 2ª) prometer-me que longe de ser reincidente, serás um cidadão de bem por todos os dias da tua vida; 3ª) pedir-me perdão pela tristeza e vergonha que me causaste”. E assim foi. Delin fez o que Paião exigiu. Sem delonga, portanto, fez o Rei passar pregão por todos os rincões do território sob seu poder régio, notificando a todos os seus súditos que ele, Rei Paião, por amor do seu culpado filho, se servia de um dispositivo legal, a saber, o sacrifício vicário, objetivando salvar Delin, da morte. Ademais exigiu, por escrito, que a Suprema Corte, cônica de que dura lex, sed lex, (Lei é dura, mas é lei), jamais permitisse que seu filho sofresse qualquer consequência de seu bárbaro crime, já que a substituição era legal. O Rei Paião argumentava que sua atitude gozava não só de legalidade, mas também de moralidade, visto ser moral que os pais lutem por seus filhos até à morte. Então morreu Paião, e Delin foi viver a vida.

Que salvou Delin da forca? O arrependimento? A regeneração? O pedido de perdão? Não!!! Estes expedientes lhe foram necessários para que o Rei morresse por ele, mas foi a morte do Rei, e só ela, que o absolveu. Ele deve, pois, a sua absolvição exclusivamente à morte de Sua Majestade. Se ele não se arrependesse, o Rei não morreria por ele; mas é se o Rei não morresse por ele, que ele não seria salvo. Delin já estava arrependido e desejoso de mudar de vida, muito antes de seu pai lhe fazer a proposta de morrer em seu lugar, mas isso não alterou em nada a sua condição de condenado; nem mesmo o amor de Paião por seu filho

delincente, anulou a sentença de Delin; mas quando Paião foi enforcado no lugar de Delin, este foi absolvido. O crime de Delin não foi perdoado nem mesmo por seu Pai, mas castigado na pessoa de Sua Majestade, o Rei Paião.

Sobre o presente conto informo que:

- 1) Delin retrata Adão, Eva e todos os seus descendentes;
- 2) o seu hediondo crime fala dos nossos pecados;
- 3) a pena capital à qual ele foi sentenciado, refere-se à condenação à eterna separação de Deus, cuja consequência é o Inferno;
- 4) a morte substitutiva de Paião ilustra o sacrifício vicário de Cristo;
- 5) a absolvição de Delin diz respeito à nossa salvação através da morte de Jesus;
- 6) o arrependimento e o pedido de perdão, exigidos do delincente, como condição sine qua non para que o Rei concretizasse o seu desejo de morrer pelo jovem da presente parábola, representa a condição imposta por Jesus, para que os benefícios oriundos da Cruz nos sejam aplicados.

Delin tinha que se converter para Paião morrer por ele; nós, porém, temos que nos converter porque Jesus morreu por nós. Logo, porque Delin se converteu, Paião morreu por ele; e, porque Paião morreu em seu lugar, Delin foi salvo. Delin deve, pois, a sua salvação exclusivamente à morte de seu pai. É verdade que o Rei só morreu por ele porque ele se converteu, mas ele só foi salvo porque o Rei morreu. Não adiantaria ele se regenerar, se o Rei não morresse por ele. Por conseguinte, sempre que alguém lhe inquirir sobre o porquê de sua absolvição, ele nunca poderá dizer que foi porque ele se converteu. A sua conversão causou a morte do Rei, não a sua absolvição. Então, a sequência correta é: 1) conversão de Delin; 2) morte do Rei; 3) absolvição de Delin. Já a salvação em Cristo obedece outra sequência. Ei-la: 1ª) morte de Cristo; 2ª) nossa conversão; 3ª) nossa salvação. Mas, tal qual Delin, não podemos atribuir nossa salvação à nossa conversão, e sim, à morte de Cristo. A nossa conversão foi meramente a condição imposta por Deus para que os méritos do sangue de Cristo nos sejam creditados, não a causa meritória. Esta é a Cruz de Cristo, só a Cruz de Cristo e nada mais que a Cruz de Cristo. É que assim como Paião só morreria por Delin se este se convertesse, Cristo só aplica os méritos de Seu sacrifício, na vida de quem se converte a Ele. Altera-se a ordem, mas o raciocínio é o mesmo: a nossa fé, o nosso arrependimento, a nossa regeneração e as nossas boas obras, embora não atuem como coadjuvantes do sangue de Cristo na efetuação da nossa salvação, são, contudo, condições impostas e, portanto, imprescindíveis. Para nos salvar, Cristo entra com o mérito do Seu sangue, e nós entramos com o nosso vale-nada, já que este vale, além de não poder nos salvar sozinho, nem mesmo ajuda Cristo a nos redimir, embora seja indispensável, visto que o Senhor impõe esta condição.

Como podemos acompanhar o raciocínio do pastor, nesta parábola ilustrada por ele mesmo, a dar embasamento ao sacrifício vicário, percebemos que há algumas incoerências nela que desenvolveremos nossa contra-argumentação. A primeira delas é que o personagem Delin que se ilustrava como sendo referência a Adão e Eva, o pastor o empresta a este mesmo personagem, duas e até mesmo três individualidades distintas que precisaremos segregar quem praticou o rompimento à lei divina e outra figura que desfrutou da absolvição da pena de morte, após o pagamento da pena realizado pelo rei Paião, a fim de que possamos desatar o nó deste imbróglio! Vamos lá, segundo o pastor, Delin representa Adão e Eva, mas ao mesmo tempo nós mesmos. Isso mesmo que você está vendo caro leitor, Delin pecou contra a lei vigente e desfrutou da absolvição do seu erro em duas personalidades distintas, devido ao sacrifício do rei que morreu em seu lugar na pena de morte aplicada. Com isso, no raciocínio do pastor, Adão e Eva pecaram, foram condenados, mas nós é que desfrutamos da absolvição de seu pecado original, uma vez que Jesus morreu na cruz em nosso lugar, por um pecado praticado por Adão e Eva. Isso mesmo, a solução apresentada pelo pastor, para cessar o pecado é justamente esta, Adão e Eva pecaram, Jesus pagou o preço do pecado e nós ao aceitarmos esta quitação, somos absolvidos por um erro que não cometemos, já que nascemos com ele, tendo em vista que foi cessado o processo de infração à lei divina.

No exemplo prático, ilustrado pelo pastor, sendo o pecado praticado por uma personalidade, pago por outra e absolvido em nós, temos aí três personagens que o pastor não considera, e que na justiça por ele estabelecida, é a solução encontrada por Deus em extirpar o pecado do mundo, já que o pastor desconsidera a prática dos ensinamentos do Mestre, em detrimento, pura e simplesmente na aceitação do sangue expiatório do Cristo. Ainda refletindo na ilustração do pastor, temos que considerar que certamente o pecado continuou a ser praticado por justos e injustos, uma vez que tanto na ilustração, quanto na vida real, mesmo Jesus tendo sido imolado no madeiro, não extirpou o pecado do mundo e nem mesmo no reino de fantasia criado pelo pastor, tendo em vista que continuamos a pecar e continuaremos até reconhecermos que Jesus só retirará o pecado do mundo, quando a humanidade estiver na plena prática de sua lei áurea de **“Amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo com a ti mesmo”**. Dessa forma, cai por terra o conceito prático do sacrifício vicário, tendo em vista que nem mesmo na ilustração dada pelo pastor, e nem mesmo no mundo ao qual estamos inseridos, o pecado deixou de ser praticado, que em resumo é a desobediência que poderá ocorrer por ignorância, ou até mesmo por má índole.

Como podemos observar, o exemplo do pastor não resiste a uma análise

acurada dos fatos, nem mesmo na ilustração por ele apresentada, e muito menos nos diversos exemplos práticos que dia após dia acontecem no mundo, ao qual estamos inseridos. A solução apresentada pelo pastor para cessar o pecado não funciona, se não praticarmos os ensinamentos de Jesus que é a única solução de extirpar a injustiça, a maledicência e nos colocar em um outro patamar de fraternidade universal, abrangendo toda a humanidade, tal qual nos apresenta a Doutrina Espírita, em consonância ao Evangelho, pela lei natural das vidas sucessivas, que o pastor tanto combateu nesta sua obra que a refutamos ponto a ponto.

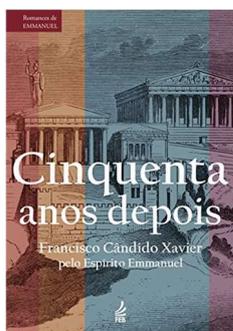
Daremos agora, não uma parábola, mas um exemplo prático ocorrido nos primeiros séculos de nossa era, de um personagem que viveu antes de Cristo, durante o ministério do Mestre e após sua morte. Este exemplo, deste mesmo espírito que animou três personalidades distintas, estão registrados nas obras *Há dois mil anos* e *Cinquenta anos depois*, vindo a ser o mentor Emmanuel de Francisco Cândido Xavier (1910-2002) e responsável por coordenar o trabalho das mais de 400 obras psicografadas do médium, com objetivo de educação moral da humanidade, com romances, mensagens e doutrinários para dar embasamento a nós espíritas na lide da vida.

A primeira obra que abordaremos é: *Há dois mil anos* que retrata **uma reflexão acerca da lei de causa e efeito!** Esta foi uma das primeiras obras espíritas que li por volta de 1996. Nesta releitura este ano, eu já não lembrava de tantos detalhes que percebi nesta releitura, o que marca uma série de fatos ocorridos com Publius Lentulus, senador romano que inicia sua vida política no ano 27 d.C. dentro do cenário do império romano. Esta narrativa passa por um



processo proveniente da lei de causa e efeito, deflagrada de vidas anteriores, como houve em sonhos revelações de que havia sido seu bisavô Publius Cornélio Lentulus Sura, bem como ações nesta vida presente de orgulho e vaidade, refletindo nesta própria encarnação e que ainda reverberarão na vida futura como Nestório, na próxima obra a ilustrar: *Cinquenta anos depois*. Este é um romance permeado de ricos detalhes, numa narrativa culta! O encontro, em desdobramento, do senador Publius Lentulus com o Mestre Jesus que cura sua filha Flávia, da enfermidade que tinha, sendo esta a lepra, por intermédio da fé de sua esposa Lívia. Este evento, marca sua jornada evolutiva dali em diante, por meio de duros resgates e uma transformação moral contundente. Não vamos entrar muito em detalhes sobre o desfecho desta obra, devido ao fato que motivaremos aos leitores a sua leitura, mas asseguramos que a vida desregrada de Publius Lentulus Cornélius Sura reverberou na vida atual de Publius Lentulus, onde

culmina no resgate nesta encarnação e no porvir, ilustrando a lei de causa e efeito, fazendo-o extirpar o orgulho e vaidade, dando margem para analisarmos a obra seguinte que demonstrará a correção pedagógica e divina, ante a lei (Ex 20,5-6).



Já nesta segunda obra, a saber: **Cinquenta anos depois**, nos deparamos agora com o escravo Nestório, encarnado cinquenta anos após sua vida anterior, como senador romano Publius Lentulus. Esta obra retrata **o Cristianismo primitivo e seus discípulos, onde este** outro romance de Emmanuel se passa no 2º século da era comum, sob o período do imperador romano Adriano. O autor espiritual retrata uma outra encarnação sua como o escravo Nestório que passa a ser uma vida de resgate, ensino e perseverança! A partir daí entra em cena a Célia que passa a ser a personagem principal da obra, principalmente na segunda metade da obra, igualmente como uma pessoa que renuncia sua vida em prol do seu próximo, exemplificando através dos seus atos, o significado do Cristianismo prático, com um final surpreendente e emocionante! Vale a leitura de um romance rico em detalhes e numa linguagem bastante culta! Recomendo aos prezados leitores o mergulho nesta ilustração de resgate, onde antes o senador Publius orgulhoso e vaidoso na vida aristocrática, agora exercitando a fé em Cristo, desenvolvendo a humildade e fraternidade que concluem e exemplificam a lei natural da reencarnação (Jo 3,12), ante a aplicação prática da pedagogia divina em regenerar seus filhos (Ex 20,5-6) e abraçá-los em exemplos a serem seguidos através dos séculos, de como funciona a justiça divina e a prática do Evangelho!

Quem ainda não leu estas obras, recomendamos que o façam para compreender como funciona o processo de resgate das faltas, através de uma prática genuína do Evangelho, como processo pedagógico do Criador que não relega as suas criaturas ao inferno eterno, mas assegura a nós uma oportunidade de reconstruirmos nosso caráter, ante a prática dos ensinamentos do Cristo, dando-lhe mais importância do que as legalidades criadas por um sistema religioso que mais separa, do que une fraternalmente a humanidade! Passemos agora aos pensamentos que decorreram a reflexão do pastor em validar o sacrifício vicário. Vejamos:

PENSAMENTOS

Os pensamentos que conheceremos nas linhas abaixo, decorrem do desenvolvimento da ilustração do pastor que tem como tema central a justificação do sacrifício vicário. Vamos a eles e sempre que oportuno, nossos comentários em seguida!

1) Jesus não veio ensinar você a se salvar, mas sim, salvar você;

Se Jesus não veio ensinar, com objetivo de resgatar a humanidade com a prática dos seus ensinamentos, não seria necessário ficar cerca de três anos, enquanto poderia logo ir ao madeiro e em algumas horas quitar a dívida de Adão e Eva com a justiça divina e absolver os pecadores que nasceram com um erro que não cometeram. Concluímos que o tempo dedicado do Mestre em exemplificar, nos dando o caminho a seguir é muito maior e mais importante do que ser sacrificado, pois até mesmo em seu martírio, ensinou a retribuir o mal com o bem do perdão.

2) Jesus não veio ensinar o Caminho da salvação, e sim, construí-lo. O Seu sacrifício vicário é que é o Caminho; e apelar para esse sacrifício, é entrar na Trilha e percorrê-la;

Mais uma vez o caminho denota uma trajetória através dos milênios no processo de evolução, tendo em vista que Jesus deveria ter modificado sua sentença e dizer “*Meu sacrifício é o caminho, a verdade e a vida e ninguém vai ao Pai sem aceitar no meu sangue*”. Esta é a sentença do fundamentalismo e nós damos outra proposta, que é seguir os exemplos do Mestre e nos tornarmos pessoas melhores.

3) Jesus não veio ensinar o que você precisaria fazer para se salvar, mas sim, fazer o que precisava ser feito, para que você possa ser salvo;

Esta sentença é a terceirização da responsabilidade de quem não precisa se esforçar para entrar na porta estreita da prática das virtudes do Evangelho. É inverter o ônus da causa e produzir efeito sem causa! Trocando em miúdos, é um sofisma!

4) Jesus não veio apontar ou indicar o caminho da salvação, pois como apontar ou indicar algo inexistente?

Acreditar que a trajetória que Jesus percorreu é uma ilusão, é o mesmo que acreditar no sacrifício do madeiro, sem valorizar o que o levou a isso. Foi justamente por Jesus combater o *modus operandi* do padrão religioso das legalidades e iniquidades que ele foi condenado à morte.

5) Quem tenta fazer por onde merecer a sua salvação, ao invés de merecê-la, aumenta a sua indignidade;

Destituir a meritocracia e validar a recompensa sem o sacrifício individual é o mesmo que pregar um efeito sem causa, uma vez que não me esforcei, mas mereço o

que Jesus conquistou, sem ao menos mudar de conduta pelo esforço próprio.

6) Cristo recebeu o que não merecia a condenação, para que nós recebamos o que também não merecemos a salvação;

Se não merecermos conquistar aquilo que nos esforçamos, destituído ficamos da razão. Se a punição de um inocente é validada como justiça divina. Como julgar nossos infratores que são punidos injustamente por não praticarem um delito que não cometeram? Mais um sofisma!

7) Deus, por ser o Justo Juiz, não pôde perdoar a nossa dívida; e, por ser amor, não pôde se esquivar de pagá-la;

Deus sendo três deuses, se entrega para ele mesmo quitar uma dívida cometida por um de seus filhos! Se não pudermos ser perdoados de nossos erros por Deus, então podemos não perdoar o nosso próximo, com a justificativa é de que Deus não nos perdoa! Mais um sofisma!

8) O pecador (isto é, cada ser humano), por ser mendigo em termos espirituais, não tem com que pagar a sua dívida; daí, o tormento eterno;

Se não podemos resgatar nossos erros, por que somos condenados por impossibilidade de quitar nossas dívidas? Jesus recomenda que se não perdoarmos para sermos perdoados, ficaremos presos até **pagarmos o último ceutil** (Mt 5,26).

9) Jesus é o Justo Juiz que nos sentenciou ao suplício, bem como o Advogado que cumpriu a pena em nosso lugar;

O Mestre não condenou a mulher adúltera, como prescrevia a Lei de Moisés, ante a recomendação: Então Jesus pôs-se em pé e perguntou-lhe: “Mulher, onde estão eles? Ninguém a condenou? ‘Ninguém, Senhor’, disse ela. Declarou Jesus: **‘Eu também não a condeno. Agora vá e abandone sua vida de pecado’.**” (Jo 8,10-11).

10) Fazer por onde merecer a salvação é cometer o grave pecado de subestimar o sangue de Jesus;

Se esforçar em praticar os enchimentos do Mestre é dar-lhe a devida importância de seu esforço em nos exemplificar de como devemos fazer para combater nossas más inclinações!

11) Quem faz por onde merecer o perdão dos seus pecados, comete mais um;

Quem se esforça em praticar os ensinamentos de Jesus, se compara ao homem prudente que construiu sua casa sobre a rocha. Quem não pratica os ensinamentos do Mestre, é que comete um erro e é comparado ao homem insensato que construiu sua casa sobre a areia. (Mt 7,24-27)

12) A graça só se obtém pela graça, visto que à parte da graça, só há desgraça;

A graça só é dada a quem se esforça. A gratuidade é pela prudência, a insensatez leva à perdição em si mesmo, crendo que somente ter fé, lhe será suficiente em demonstrar aquilo que não se é, não praticou e nem mesmo gerou frutos, já que **a fé sem obras é morta** (Tg 2,26).

13) Todos os pecadores que não buscam a salvação, estão indo para o Inferno na velocidade = "x"; os pecadores que dão tudo de si para merecer a salvação, estão indo para o Inferno numa velocidade > "x"; mas os que apelam para a graça que procede da Cruz, já mudaram de direção!;

Todos os infratores da lei que não buscam a reforma íntima, estão sem uma direção ao Pai, os que se esforçam por angariar as virtudes do Evangelho, permeiam o caminho da renovação e liberação de seu próprio ego. Já os que estão objetivando o fim de uma transformação que não se esforçaram, julgando adquirir aquilo que não buscaram, se perdem nos caminhos da insensatez, não entendendo que a libertação, ou salvação como queiram, não é a causa, mas o efeito do esforço em serem pessoas melhores a cada dia.

14) O pecador já está atolado. Se ele não se mexer, continuará afundando. E, se ele se mexer, afundará mais ainda. Mas, se ele se valer do mexer-se de Cristo, sairá do atoleiro;

No mundo, estamos atolados de vícios que precisam ser convertidos em virtudes, através do esforço próprio em angariá-los. Já os que se valem do esforço do Mestre em nos exemplificar, se encontram ainda distantes da vida em plenitude com o Pai, por não compreenderem a mensagem do Cristo da necessidade da reforma íntima!

15) A salvação não depende só da parte de Deus, mas também da nossa.

Jesus já fez a parte que Lhe tocava; só nos resta agora, que façamos a nossa. E a nossa parte, é crer que Cristo fez a nossa parte;

Simplemente crer no sacrifício de Jesus não basta para transformarmos nossas vicissitudes em virtudes. É preciso trabalhar duro e com o Evangelho não somente nos lábios, mas sobretudo, em nossos atos para com o Pai e nosso próximo, desejando-lhes e realizado a eles, tudo o que gostaríamos que nos fizessem!

16) A única obra que produz salvação é a Obra de Cristo na Cruz;

A fé sem obras é morta e se o sacrifício de Jesus é incapaz de transformar um ser numa pessoa melhor, através da prática do seu Evangelho, seu sacrifício foi em vão!

17) No que diz respeito à salvação, há tanto uma causa meritória, quanto uma condição imposta: esta é a nossa fé na Cruz de Cristo; e aquela, a Cruz de Cristo;

A fé em Cristo é a causa e o efeito de seu Evangelho a consequência, gravado nas nossas ações, ante a sociedade que deverá ser mudada com a mudança individual! Quando a religião não é capaz de formar cidadãos menos preconceituosos e mais fraternos, para nada serve!

18) A salvação não é pelas obras, mas sim, pela Obra, a saber, a Obra de Cristo no madeiro;

A salvação vem da consequência de uma fé em Cristo, portanto, se seremos julgados pelas obras, cremos que as obras são o fim objetivado e exemplificado pelo Mestre! Se os seus atos não são capazes de nos transformar, nada vale apenas acreditar, se nada fazermos em nos melhorar como seres humanos!

19) A salvação é tanto dádiva quanto pagamento. Quando Deus nos salva pela fé, Ele está pagando a Cristo pelo bom serviço prestado na cruz, ao passo que Cristo está nos presenteando algo que Lhe custou o Seu sangue;

Quem realmente se julga salvo e nada faz em prol de sua reforma íntima e nem mesmo se move em dirimir as provações de seu semelhante, não está preparado para entender o sacrifício do Cristo que permeou muito mais tempo em exemplificar o que devemos realizar, do que expirando seu último suspiro de vida!

20) A salvação de nossas almas é o salário de Jesus (Is. 53:11);

Israel foi tratada como o servo sofredor (Is 53) e muitos prefiguram como sendo alusão ao messias, enquanto a base do Judaísmo preconiza que Israel foi sepultada com os ímpios, mas ressurgiu em glória, após o cativeiro. Esta é a mensagem que denota uma nação que necessitava passar pelo cativeiro, a fim de combater seu desvirtuamento através da idolatria e do orgulho!

21) A salvação nunca foi à parte do sangue de Jesus. Os patriarcas e profetas do Antigo Testamento se salvaram pelo sangue que no futuro seria derramado por eles; o ladrão do qual trata Lc. 23:43, foi salvo pelo sangue que no presente estava sendo derramado por ele; e nós, servos de Deus da atualidade, somos salvos pelo sangue que no passado foi derramado por nós. Deste modo, uns olham para frente, outros olham para o lado, e outros para trás, mas os olhares de todos os salvos convergem-se para a cruz do Calvário, pois dela, e somente dela, procede a vitória para todos nós!

O sacrifício do Cristo encerrou o processo de liturgia judaica do sacrifício de animais que eram aplacados para perdão de pecados. O Templo foi destruído e reconstruído na fé daquele que creram que o Mestre se ofereceu uma única vez para abolir uma legalidade que já não mais seria necessária. O ladrão da cruz possui relatos que não se convergem nos sinóticos e muitos se valem deste único registro (Lc 23,43) como única ação necessária para uma libertação dos erros praticados em vida, que através das vidas sucessivas não temos a abrangência de como foi o processo de arrependimento, expiação, prova e mudança de hábito de um ladrão a se transformar em servo, pelo exercício do Evangelho em vidas posteriores. A reencarnação regenera e a crença nas penas eternas multiplicam a iniquidade e indiferença de um Pai que é amor!

22) Os que fazem boas obras por serem salvos, serão galardoados agora e, especialmente, na eternidade (Ap. 22:12); mas os que fazem boas obras para se salvar, já estão condenados (Ef. 2:8-10; Rm. 11:6; At. 10:1-6; 11:14; Tt. 3:5);

As boas obras são condição *sine qua non* de julgamento que o próprio Cristo exemplificou no grande julgamento (Mt 25,31-46). Os que praticam o Evangelho para com o seu próximo, estão realizando ao próprio Mestre, mas os que nada realizam, se condenam na multiplicação de sua indiferença, pois a fé sem obras é morta (Tg 2,26).

23) Embora os que fazem boas obras para se salvar, já estejam condenados, os tais podem sair da condenação, trocando suas obras, por melhores que sejam, pela Obra de Cristo na cruz;

A inversão de efeito em causa, ignora o contexto de que **“a cada um será dado segundo as suas obras”** preconizado pelo próprio Mestre, já que ele não nos legou que *“será dado a cada um segundo a sua fé”*.

24) Cristo é o Caminho que nos conduz a Si próprio, pois é exclusivamente pelo Seu sacrifício vicário que temos acesso à Trindade, da qual Ele é parte integrante. Eis o porquê dEle haver dito que “Ninguém **vem** ao Pai, senão por mim” (Jo 14:6). Ele disse “vem”, e não “vai”. Logo, só por Ele podemos ir a Ele. Ele é o único caminho que nos leva ao Pai, que é Ele e os outros Membros da Trindade. Uma prova disso é o fato dEle haver dito que só o Pai sabe do dia e da hora da vinda do Filho (Mt 24:36). Ora, segundo a Bíblia, cada Membro da Trindade sabe de todas as coisas (Cl 2:3; 1 Co 2:9). Assim sendo, se entendermos que a locução “só o Pai sabe”, se refere exclusivamente à primeira Pessoa da Trindade, estaremos cometendo o grave erro de tentar limitar tanto a infinita sabedoria do lado Divino do Filho, como também negando a Onisciência do Espírito Santo;

O caminho que Cristo estabeleceu com seu exemplo, a seguir rumo a atingir a plenitude de nosso ser pela aquisição de virtudes imortais, nos credenciam a conhecer o Pai face a face, conhando-O totalmente e não mais em parte. Jesus, estando no Pai, e o Pai estando nEle, formariam juntamente com os apóstolos um só, assim como o Pai e o Mestre eram um só. Eles estão um no outro em igualdade de pensamentos e ações, mas não são o mesmo. Se o filho não conhecia o dia a sua vinda, nem os anjos, somente o Pai sabia (Mt 24,36), é cristalina a ideia de que não há trindade e nem mesmo o filho partilhava do conhecimento pleno do Pai de todas as coisas, prefigurando uma onisciência que somente há em Deus, e não no Mestre e nem mesmo num espírito santo. Querer dar a eles a onisciência é transformar o cristianismo em forma de um paganismo, sendo um deus, formado de três deuses.

25) Todos os que creem em Cristo, creem que Cristo existe, mas nem todos os que creem que Cristo existe, creem em Cristo;

Acreditar no Mestre não validaria estarmos partícipes de uma recompensa que não nos esforçamos para merecê-la, tal qual acreditar em Cristo se torna o primeiro passo para prosseguir na reforma íntima.

26) Para muitos dos que se dizem cristãos, todas as igrejas são boas, mas os verdadeiros cristãos só reconhecem a Igreja de Cristo. E esta não está na rua tal número tal.

O templo do Cristo é dentro de nós mesmos, já que o seu Reino não virá em

forma exterior, mas se revelará pela transformação que o Mestre é capaz de realizar em cada um de nós, melhorando assim, o mundo em que vivemos.

27) Da nossa passividade na transação da salvação, Cristo não abre mão. Logo, os ativos ainda não pactuaram com Cristo;

A passividade na prática das boas obras nada produz, tal qual uma árvore que não dá frutos e conseqüentemente para nada aproveita. Já a atividade ante a ação de fraternidade dá bons frutos, tal qual uma boa árvore que sacia a muitos. Reconhece-se a árvore pelos seus frutos, bem como os verdadeiros cristãos pelos seus atos (obras).

28) A salvação não é a recompensa dos que pecam pouco, tampouco o galardão dos que cometem pecados menores, mas sim, o dom (presente) dos que apelam para o Calvário;

A fé estimula às ações de reforma íntima e atos fraternos para com o próximo, onde levam a salvação de seu próprio ego. Acreditar que a salvação é o resultado da fé, é crer que há efeito sem causa.

29) Já que todo o mundo peca, mas há salvos e perdidos, pergunta-se: Até aonde posso ir no erro e ainda ser salvo? Quais os pecados que fariam de mim um perdido? Resposta: Tanto a salvação, quanto a condenação, não são proporcionais à quantidade e tamanho do pecado. O pecado, por menor que seja, traz no seu bojo total condenação. É, pois, o sangue de Cristo que nos dá absolvição;

Os seres humanos são completamente falhos e erram constantemente, dia após dia. Tanto crentes como descrentes pecam, mas o que os diferencia é justamente o esforço de se tornarem pessoas melhores para si mesmo e para o seu próximo. Reconhece-se o verdadeiro cristão pelo esforço que se dedicam na atitude de domar suas más inclinações e na prática do amor ao próximo. Ter a fé não estanca a prática do erro, mas o identifica e move à mudança de atitude, em um processo diário e constante que atravessa as vidas sucessivas. Acreditar somente que se está salvo, não abona a necessidade da reforma íntima e nem mesmo o fato de ser indiferente, ante a necessidade de seu próximo.

30) Tudo que um homem consegue, quando dá tudo de si para não cometer um só pecado sequer, é pecar menos, o que não o torna menos digno da condenação. Logo, será condenado mesmo assim, visto que o Justo Juiz não pode nos dar o que não merecemos. Mas, como a Cruz de Cristo nos torna dignos da absolvição, nós, os cristãos, seremos

salvos, já que o Justo Juiz não pode nos dar o que não merecemos. Sim, sou digno em Cristo! Sim, a Cruz de Cristo me confere mérito. Sim, se estou à sombra da Cruz, é injusto me condenar!

Como asseverou o mestre, apartemo-nos dos falsos profetas: *“Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: **Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade.** Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras, e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha; E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. **E aquele que ouve estas minhas palavras, e não as cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia; E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda**”.* (Mt 7,22-27)

31) Falo como cristão: A minha pena não está por cumprir, pois já foi cumprida por Cristo!

Aquele que não cumpre o seu dever de Cristão que é a aplicação da máxima **“amai o próximo como a si mesmo”**, pois **“fora da caridade não há salvação”**. Reconhecemos o verdadeiro **cristão** por suas obras e não apenas os que dizem **“Senhor! Senhor!”**. Com isso é **dever do cristão** propagar as palavras de Jesus e fazê-las chegar até nossos queridos irmãos, não é reconhecido como discípulo do Mestre aqueles passivos a praticarem a iniquidade.

CONCLUSÃO

Procuramos trazer aos leitores uma parte da nossa resposta à obra *“O Espiritismo Kardecista e suas Incoerências”* do Pr Joel Santana, sendo que nossa obra é: ***O Espiritismo e as incoerências de um pastor***. O CACP se utilizou da obra do pastor para publicar em seu site, tendo em vista a sua sistemática em combater a Doutrina Espírita. Aos interessados em conhecer nossa refutação completa, é só clicar ([AQUI](#)) e baixar em nosso site, na ala E-Book's, o conteúdo para apreciação e tirar suas próprias conclusões.



Thiago Toscano Ferrari

Novembro/2021

Referências Bibliográficas:

Bíblia de Jerusalém, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.

XAVIER. F. C. ***Cinquenta anos depois***. Brasília-DF: FEB. 2020.

XAVIER. F. C. ***Há dois mil anos***. Brasília-DF: FEB. 2020.